

Metafísica de Aristóteles Livro XII

Tradução de Lucas Angioni*

Capítulo 1

[1069a 18] Este estudo é sobre a essência: procuram-se os princípios e as causas das essências. De fato, se tudo existe como um certo todo, a essência é a parte principal; se tudo existe em seqüência, também assim a essência é o primeiro, em seguida, o *de certa qualidade*, depois, o *de certa quantidade*. Ao mesmo tempo, estes últimos, por assim dizer, nem sequer são entes sem mais, mas qualidades e movimentos, ou, do contrário, também seriam entes sem mais o não-branco e o não-retilíneo, pois, certamente, dizemos que tais coisas *são*, por exemplo, “é não-branco”. Além disso, nenhum dos demais entes é separado. Também os antigos o testemunham, de fato: procuravam os princípios, os elementos e as causas da essência.

[1069a 26] Os de agora propõem como mais essência os universais (de fato, os gêneros são universais, os quais dizem que são mais essência e que são princípios, porque procuram estes últimos através do discurso); os de antanho propõem como essência as coisas particulares, como fogo, terra, mas não o que é comum, o corpo.

*Para delimitar o texto grego a ser traduzido, utilizei as edições de Bekker, Ross, Jaeger e Christ (para referências detalhadas, ver Bibliografia no artigo anexo a esta tradução). No mais das vezes, assumi o texto estabelecido por Ross, e os poucos casos em que adotei outras lições encontram-se indicados e justificados nas notas que constituem o artigo anexo a esta tradução, nas quais também discuti e analisei problemas filológicos de estabelecimento do texto, mesmo quando assumi a lição estabelecida por Ross.

[1069a 30] São três as essências: uma é sensível – desta, uma é eterna, outra, perecível, a qual todos admitem, por exemplo, as plantas e os animais – cujos elementos é necessário apreender se são um só ou muitos. Outra essência é não-suscetível de movimento, e esta, alguns dizem que existe separadamente, uns, dividindo-a em duas, outros, considerando as Formas e as coisas matemáticas como uma única natureza, outros, enfim, considerando apenas as coisas matemáticas. Aquelas competem à ciência da natureza (pois se dão com o movimento), mas esta compete a outra, dado que nenhum princípio lhes é comum.

[1069b 3] A essência sensível é suscetível de mudança. Dado que a mudança procede de opostos ou intermediários, e não de quaisquer opostos (pois a voz é não-branca), mas do que é contrário, necessariamente existe algo que muda para os contrários, pois não são os contrários que mudam.

Capítulo 2

[1069b 7] Além do mais, isso subsiste, mas aquilo que é contrário não subsiste; portanto, há uma terceira coisa, além dos contrários: a matéria. Dado que as mudanças são quatro, ou segundo o “algo”, ou de qualidade, ou de quantidade ou de lugar – geração e corrupção, sem mais, são a mudança segundo o “isto”; crescimento e definhamento, a mudança de quantidade; alteração, a mudança de característica, e locomoção, a mudança de lugar – as mudanças se dão nessas contrariedades particulares. Assim, necessariamente, é a matéria que muda, sendo capaz de ser ambos os contrários. Dado que “ente” comporta dois modos, tudo muda desde algo que é em potência para algo que é efetivamente (por exemplo: desde o que é branco em potência para o que é efetivamente branco; semelhantemente também no crescimento e no definhamento). Por conseguinte, não apenas é possível que algo venha a ser a partir do não-ente por concomitância, mas também é verdade que tudo vem a ser a partir do ente, ou seja, a partir de algo que é em potência, mas que não é efetivamente. E é isso que é o Um de Anaxágoras, pois, melhor que “tudo junto” – melhor que a mistura de Empédocles e de Anaximandro, melhor que como Demócrito afirma – seria dizer que “tudo estava junto em potência, mas não

efetivamente”. Por conseguinte, alcançaram a matéria. Todas as coisas que sofrem mudança têm matéria, mas de tipos diversos: há matéria até mesmo das coisas eternas que, embora sejam suscetíveis de locomoção, não são suscetíveis de geração, não, porém, uma matéria suscetível à geração, mas uma matéria “de algum lugar para algum lugar”.

[1069b 26] Alguém poderia indagar: de que tipo de não-ente procede o vir a ser? De fato, “não-ente” comporta três modos. Dado que há algo em potência, não procede de qualquer não-ente, mas, a partir de um não-ente distinto, é um ente distinto que vem a ser. Não é suficiente dizer “todas as coisas juntas”. Elas são diferentes pela matéria, pois por que haveriam de se tornar infinitas, mas não uma só? A Inteligência é uma só, de modo que, se também a matéria fosse uma só, surgiria efetivamente tal e tal coisa, que a matéria era em potência.

[1069b 32] Portanto, são três as causas e três os princípios: a contrariedade são dois (dos quais um é a determinação e a forma, outro, a privação), e o terceiro é a matéria.

Capítulo 3

[1069b 35] Depois disso, estabeleçamos que nem a matéria nem a forma são suscetíveis de vir a ser (quero dizer, as que são últimas). De fato, tudo que sofre mudança é algo, e sofre mudança por força de algo e em direção a algo: aquilo por força de que sofre mudança é o que primeiramente move; o que sofre a mudança é a matéria; aquilo em direção a que muda é a forma. Ir-se-ia ao infinito, se não apenas o bronze viesse a ser esférico, mas também o próprio esférico (ou o bronze) viesse a ser. Necessariamente, isso pára.

[1070a 4] Depois disso, estabeleçamos que cada essência vem a ser a partir de algo sinônimo (são essências as coisas por natureza, bem como outras). De fato, algo vem a ser ou por técnica, ou por natureza, ou por acaso (ou pelo espontâneo). A técnica é um princípio em outra coisa, ao passo que a natureza é um princípio na própria coisa

(de fato, é um ser humano que gera um ser humano); já as causas restantes são privações dessas.

[1070a 9] São três as essências: a matéria, que é *um certo isto* por assim aparecer (de fato, o que se dá por mero contato e não por concrecimento é matéria e subjacente); a natureza, que é *um certo isto* e certa disposição para a qual se dirige a mudança; finalmente, a terceira, a essência particular que se constitui de ambas, por exemplo, Sócrates ou Cálías. Em alguns casos, aquilo que é *um certo isto* não existe à parte da essência composta, por exemplo, a forma de uma casa, a não ser que seja como técnica (tampouco há, dessas coisas, geração e corrupção, mas é de outro modo que a casa sem matéria existe e não existe, e o mesmo vale para a saúde e tudo que se dá por técnica), mas, quando muito, existe no caso das coisas por natureza. Por isso, não foi sem acerto que Platão disse que são Formas as coisas que são por natureza, se é que há outras Formas dessas coisas – por exemplo, fogo, carne, cabeça; de fato, todas elas são matéria, e a última o é daquilo que mais é essência.

[1070a 21] Assim, as causas que propiciam movimento são causas que se dão antes, mas são simultâneas as que são causas como a definição. De fato, há saúde precisamente quando um homem tem saúde, assim como há figura de esfera ênea simultaneamente à esfera ênea. Devemos examinar se, de fato, algo subsiste posteriormente; em alguns casos, nada o impede, por exemplo, se é algo de tal tipo a alma, não toda alma, mas a inteligência, pois, certamente, é impossível que o seja toda alma. Assim, é evidente que, ao menos por essas razões, não é preciso haver Idéias: um ser humano gera um ser humano, um particular gera um qualquer; ocorre de modo similar nas técnicas: a técnica medicinal é a definição da saúde.

Capítulo 4

[1070a 31] De certo modo, as causas e os princípios são diversos para coisas respectivamente diversas, mas, de outro modo – se nos pronunciamos universalmente e por analogia –, são os mesmos para todas as coisas. De fato, alguém poderia indagar se são os mesmos ou distintos os princípios e os elementos das essências e dos relativos,

e semelhantemente em cada categoria. Ora, se fossem idênticos para todas, seria absurdo: os relativos e as essências se constituiriam de uma mesma coisa. Que coisa, então, seria esta? Com efeito, à parte da essência e das demais categorias, não há nada comum, e um elemento é anterior àquilo de que é elemento. Além do mais, a essência não é elemento dos relativos, assim como nenhum deles é elemento da essência.

[1070b 4] Além disso, como seria possível que fossem os mesmos os elementos de todas as coisas? De fato, não é possível que um elemento seja idêntico àquilo que se constitui de elementos, por exemplo, que “B” ou “A” sejam idênticos a “BA” (tampouco um elemento inteligível pode sê-lo, por exemplo, o Ente ou o Um; de fato, eles atribuem-se a cada uma das coisas compostas). Assim, não seria possível que algum elemento fosse essência ou relativo. No entanto, seria necessário que fossem. Portanto, não há elementos idênticos para todas as coisas.

[1070b 10] Ou, conforme dissemos, de certo modo, são os mesmos, mas, de outro, não. Por exemplo: dos corpos sensíveis, a título de forma, é o quente, e, de outro modo, é o frio, a privação, e, como matéria, o primeiro item que, em si mesmo, é em potência ambas as coisas, e são essências tais coisas e as que delas procedem, das quais elas são princípios, ou se surge algo único do quente e do frio (por exemplo, carne ou osso): de fato, o que surge é, necessariamente, algo distinto deles.

[1070b 16] Dessas coisas, os elementos e os princípios são os mesmos (mas, de coisas diversas, são diversos), mas, de todas as coisas, não é possível afirmá-lo desse modo, mas apenas conforme algo análogo, ou seja, se poderia dizer que os princípios são três: a forma, a privação e a matéria. No entanto, cada um desses princípios é distinto em um gênero respectivamente distinto, por exemplo: no domínio da cor, branco, negro e superfície; luz, treva e ar: desses itens, resulta dia e noite.

[1070b 22] Dado que são causas não apenas os itens imanentes, mas também alguns itens externos (por exemplo, aquilo que propicia movimento), é evidente que são distintos “princípio” e “elemento”, embora ambos sejam causas, e é evidente que

“princípio” divide-se nesses tipos, e que aquilo que propicia movimento ou repouso é certo princípio e essência. Por conseguinte, conforme à analogia, os elementos são três, mas os princípios e as causas são quatro. E o elemento é distinto em um domínio respectivamente distinto, assim como é distinta em um domínio respectivamente distinto a causa primeira que propicia movimento. Saúde, doença, corpo: o que propicia movimento é a arte medicinal. Forma, tal e tal desordem, tijolos: o que propicia movimento é a arte de construir [e “princípio” divide-se nesses tipos].

[1070b 30] Dado que, no domínio das coisas naturais, aquilo que propicia movimento em relação a um ser humano é um ser humano, e, no domínio das coisas que se dão por pensamento, é a forma ou seu contrário, de certo modo as causas são três, mas, de outro, são quatro. De fato, a arte medicinal é, de certo modo, a saúde, a arte de construir é, de certo modo, a forma da casa, assim como um ser humano gera um ser humano.

[1070b 34] Além dessas causas, há, ainda, aquilo que, sendo primeiro que tudo, move todas as coisas.

Capítulo 5

[1070b 36] Dado que há coisas separadas e coisas não separadas, aquelas é que são essências. É por isso que as causas de todas as coisas são as mesmas, porque, sem as essências, não há modificações e movimentos. Tais causas hão de ser a alma, talvez, e o corpo, ou inteligência, desejo e corpo.

[1071a 3] Além disso, de outro modo, os princípios são os mesmos pelo análogo, por exemplo, efetividade e capacidade; mas também tais princípios são diversos em domínios respectivamente diversos, e diversamente. De fato, em alguns casos, uma mesma coisa é, em certo momento, efetivamente, e, em outro momento, em potência (por exemplo: vinho, carne ou ser humano). Também tais princípios incidem nas causas mencionadas: a forma é efetivamente, se for separada, assim como o com-

posto de ambas é efetivamente, mesmo se for privação, por exemplo, treva, ou doente; já a matéria é em potência, pois é ela que pode vir a ser ambas.

[1071a 11] De outro modo, são diferentes “efetivamente” e “em potência” os princípios das coisas cuja matéria não é a mesma, das quais a forma não é a mesma, mas diversa. Por exemplo: do ser humano, são causas os elementos (fogo e terra, a título de matéria, bem como a forma própria), e ainda outra coisa externa, por exemplo, o pai, e, finalmente, além dessas, o sol e seu círculo oblíquo, e estas últimas são causas não como matéria, forma ou privação, nem como algo homóformo, mas como propiciadoras de movimento.

[1071a 17] Além disso, devemos considerar que é possível enunciar certas causas universalmente, mas outras, não. Com efeito, para todas as coisas, aquilo que primeiramente é tal e tal coisa efetivamente é princípio primeiro, bem como outra coisa, que é em potência a primeira. No entanto, essas causas universais não *são*: de fato, das coisas particulares, é uma coisa particular que é causa. Ser humano é causa de ser humano, universalmente, mas não há nenhum ser humano universal. Ora, Peleu é causa de Aquiles, teu pai é tua causa, este “B” é causa deste “BA”, e, em geral, “B” é causa de “BA”, sem mais.

[1071a 24] Além disso, ainda que sejam as mesmas as causas das essências, são respectivamente distintos (conforme foi dito) os elementos e as causas das coisas que não estão em um mesmo gênero (das cores, dos sons, das essências, da qualidade), a não ser por algo análogo. Até mesmo das coisas que estão em uma mesma forma específica são distintos os elementos e os princípios, não especificamente distintos, mas porque são diversos para cada coisa particular – tua matéria, tua forma, aquilo que te propiciou movimento e, de outro lado, minha matéria – mas, pela descrição universal, são os mesmos.

[1071a 29] Procurar saber se são os mesmos ou se são distintos os princípios (ou os elementos) das essências, dos relativos e das qualidades é, evidentemente, possível, a

respeito de cada um, na medida em que se dizem de vários modos; mas, uma vez assim distinguidos, os princípios não são os mesmos, mas distintos, embora, de certo modo, sejam princípios de tudo – de certo modo, são os mesmos, ou são análogos: matéria, forma, privação, motor. E as causas das essências são causas de todas as coisas deste modo: porque, se as essências fossem destruídas, tudo se destruiria. Além disso, aquilo que é efetivamente primeiro. De outro modo, são distintos os itens primeiros que são contrários, que não se dizem como gênero, nem se dizem de vários modos. Além disso, são distintas as matérias.

[1071b 1] Está dito, portanto, quais e quantos são os princípios das coisas sensíveis, de que modo são os mesmos e de que modo são distintos.

Capítulo 6

[1071b 3] Dado que eram três as essências, duas naturais e outra não-suscetível de movimento, a respeito desta última, devemos dizer que, necessariamente, ela é uma essência não-suscetível de movimento e eterna. De fato, as essências são primeiras entre os entes, e, se todas elas fossem suscetíveis de destruição, tudo seria suscetível de destruição. No entanto, é impossível que o movimento venha a ser, ou deixe de ser (pois sempre existiu), assim como o tempo, pois não é possível haver algo anterior e algo posterior, se não há tempo. Ora, o movimento é contínuo do mesmo modo que o tempo, pois este é a mesma coisa, ou é certa afecção do movimento. Não é senão o movimento local que é contínuo, e, entre seus tipos, o movimento em círculo.

[1071b 12] Ora, se há algo que produz ou propicia movimento, mas não está em atividade, poderia não haver movimento, pois aquilo que possui capacidade pode não estar em atividade. Portanto, não há nenhum ganho em concebermos essências eternas (como os que concebem as Formas), se não houver nelas um princípio capaz de produzir mudança. No entanto, nem sequer este princípio seria suficiente, nem o seria uma outra essência, além das Formas, pois, se não estiver em atividade, não haverá movimento. Além disso, tampouco seria suficiente se tal princípio estivesse

em atividade, mas sua essência fosse potencialidade, pois o movimento poderia não ser eterno, dado que é possível que aquilo que é em potência *não seja*. Portanto, é preciso haver um princípio tal que sua essência seja atividade. Além disso, é preciso que tais essências sejam sem matéria, pois é preciso que elas sejam eternas, se, justamente, há algo mais eterno. Portanto, elas são atividade.

[1071b 22] Há, no entanto, um impasse: de fato, reputa-se que tudo que está em atividade tem capacidade, mas que nem tudo que tem capacidade está em atividade, de modo que a capacidade seria anterior. Ora, se isso for o caso, poderá não haver ente algum, pois é possível ter a capacidade de ser, mas ainda não ser. E se for como dizem os teólogos que geram o todo a partir da noite, ou como os estudiosos da natureza que diziam que “todas as coisas estavam juntas” – isso mesmo é impossível. De fato, como algo poderia mover-se, se não houvesse uma causa em atividade? De fato, não é a matéria que propicia movimento para si mesma, mas é a arte da carpintaria que a move; tampouco os sangues menstruais (ou a terra) propiciam movimento para si mesmos, mas é a semente, isto é, o sêmen, que move.

[1071b 31] Por isso, alguns concebem que sempre há atividade, como Leucipo e Platão: afirmam que sempre há movimento. Mas não dizem *qual* movimento, nem *por que*, nem dizem a causa (se é de tal modo ou de outro). Ora, não há nada que se mova de qualquer maneira que calhar, mas, sempre, é preciso que algo esteja dado, como ocorre de fato: se for por natureza, de tal e tal modo; por violência, ou pela inteligência (ou outra coisa), de tal e tal modo. Além disso, qual movimento seria o primeiro? Isso faz imensa diferença.

[1071b 37] Além disso, tampouco seria possível para o próprio Platão conceber o princípio que, às vezes, ele julga existir, aquilo que se move a si mesmo, pois, como ele diz, a alma é algo posterior, e se dá simultaneamente ao céu.

[1072a 3] De certo modo, é acertado julgar que a capacidade é anterior à atividade, mas, de certo modo, não (já foi dito como). Mas, que a atividade é anterior, teste-

munham-no Anaxágoras (pois a inteligência é atividade) e Empédocles (amizade e ódio), bem como os que afirmam que sempre há movimento, como Leucipo.

[1072a 7] Por conseguinte, não havia, durante um tempo ilimitado, caos, ou noite, mas as coisas são as mesmas sempre, ou por ciclos, ou de outro modo, dado que a atividade é anterior à capacidade. Assim, se é sempre a mesma coisa por ciclos, é preciso que algo sempre permaneça do mesmo modo em atividade. Por outro lado, para haver geração e corrupção, é preciso haver outra coisa que sempre esteja em atividade de modos diversos. Necessariamente, portanto, tal coisa, de certo modo, está em atividade por si mesma, mas, de outro, devido a outra coisa: ou devido a algo ainda distinto, ou devido àquele primeiro. Ora, é necessário que seja devido a este: caso contrário, o primeiro seria causa para ele e também para a terceira coisa. Portanto, é melhor que seja devido ao primeiro: de fato, ele também é causa pela qual se dá *sempre do mesmo modo*. Por sua vez, é o outro item que é causa pela qual se dá *a cada vez de modo diverso*. Mas, evidentemente, ambos são a causa pela qual se dá *de modos diversos, sempre*. De fato, é assim que se dão os movimentos. Por que seria preciso procurar outros princípios?

Capítulo 7

[1072a 19] Dado que é cabível que seja assim, e, se não for assim, haverá de ser “a partir da noite”, ou “de todas as coisas juntas” ou “a partir do não-ente”, resolvem-se tais impasses, isto é, há algo que sempre está em movimento incessante, e este movimento é o circular (e isso é claro não apenas pelo argumento, mas pelos fatos), de modo que o primeiro céu é eterno. Assim, há, também, algo que propicia o movimento.

[1072a 24] Dado que aquilo que é movido e propicia movimento é intermediário, há algo que propicia movimento sem ser movido, sendo uma essência e uma atividade eterna. Propiciam movimento desse modo aquilo que é desejável e aquilo que é suscetível de ser pensado: propiciam movimento sem serem movidos. As primeiras entre essas coisas são as mesmas. De fato, aquilo que aparece como belo é apetecível,

mas o objeto do querer, primeiramente, é aquilo que é realmente belo. Desejamo-lo porque parece-nos ser belo, em vez de parecer ser belo porque desejamo-lo, pois, de fato, é o pensamento que é princípio.

[1072a 30] O pensamento é movido pelo que é pensável, e a outra coluna é, em si mesma, pensável, e, nela, a essência é primeira, e, entre essas, é primeira a que é simples e em atividade (não são a mesma coisa “um” e “simples”: “um” designa uma medida, mas “simples” designa algo que se dispõe de tal e tal modo). Ora, também estão nessa mesma coluna aquilo que é belo e escolhível por si mesmo. E o item primeiro é, sempre, o melhor, ou o análogo.

[1072b 1] Que há “em vista de que” entre as coisas não-suscetíveis de movimento, essa distinção o mostra: “em vista de que” é “para alguém” ou “em vista de algo”, dos quais um está presente, mas o outro não. Assim, ele propicia movimento na medida em que é amado, mas, por meio de algo que é movido, move as demais coisas.

[1072b 4] Ora, se algo é movido, pode ser de outro modo; conseqüentemente, se sua atividade for a locomoção primeira, ele poderá ser de outro modo na exata medida em que sofre movimento – no lugar, ainda que não em sua essência. Mas, dado que há algo que propicia movimento sendo ele próprio não-suscetível de ser movido, e que está em atividade, não é possível, de modo algum, que tal coisa seja de outro modo. Ora, a locomoção é a primeira das mudanças, e é primeira a locomoção circular. É esta que tal coisa promove. Portanto, tal coisa é necessariamente, e, na medida em que é necessariamente, é de modo belo, e é assim que ela é princípio. De fato, “necessário” se diz desses modos: por violência, porque é contra o impulso; aquilo sem o que não se dá o que é bom, e aquilo que não pode ser de outro modo, mas é de modo absoluto.

[1072b 13] Portanto, é de um princípio desse tipo que depende o céu e a natureza. Sua fruição é como aquela que nos é a melhor, por pouco tempo (tal princípio é sempre desse modo, mas, para nós, isso é impossível), dado que sua atividade é

prazer (por isso, o mais apazível são vigília, percepção, pensamento, e, devido a tais coisas, as expectativas e as memórias).

[1072b 18] O pensamento que é em si mesmo é daquilo que, em si mesmo, é o melhor, e aquilo que é mais pensamento, daquilo que é o melhor. O pensamento pensa a si mesmo por participação no pensável. De fato, torna-se pensável ao abordar e pensar. Por conseguinte, pensamento e pensável são o mesmo. De fato, é pensamento aquilo que recebe o inteligível e a essência, e ele está em atividade retendo o que é pensável. Por conseguinte, é isto, mais que aquilo, o item divino que (reputa-se) o pensamento possui, e sua ciência é o que há de mais prazeroso e melhor. Ora, se deus sempre está bem como nós estamos às vezes, eis algo admirável. Se ele se dispõe de maneira ainda melhor, é ainda mais admirável. Ele se dispõe deste modo. E uma vida lhe pertence, pois a atividade do pensamento é vida, e ele é essa atividade. A atividade que, em si mesma, lhe pertence é uma vida excelente e eterna. Com efeito, dizemos que deus é um animal eterno excelente, de modo que pertence a deus uma vida e uma duração contínuas e eternas. Pois é isso que deus é.

[1072b 30] Não concebem acertadamente aqueles que, como os Pitagóricos e Espeusipo, concebem que o que é mais belo e excelente não está no princípio, porque os princípios das plantas e animais são, de fato, causas, mas o belo e o completo estariam nas coisas que deles provêm. Ora, a semente provém de coisas anteriores e completas, e o que é primeiro não é a semente, mas aquilo que é completo. Por exemplo, diríamos que um homem é anterior ao esperma, não o homem que nasce dele, mas o outro, do qual provém o esperma.

[1073a 3] Assim, pelo que foi dito, é evidente que há uma essência eterna, não-suscetível de movimento e separada das coisas sensíveis. Também está provado que não é possível que tal essência possua grandeza, pois ela é indivisível e desprovida de partes (de fato, ela propicia movimento por um tempo infinito, mas nenhuma coisa finita possui capacidade infinita; dado que qualquer grandeza ou é infinita ou finita, por isso, ela não poderia ter uma grandeza finita, nem uma grandeza infinita, porque,

em geral, não há nenhuma grandeza infinita). Além disso, está provado que ela não é suscetível a modificações e alterações, pois todos os demais movimentos são posteriores ao movimento local. Assim, é evidente porque essas coisas são desse modo.

Capítulo 8

[1073a 14] É preciso não desconsiderar se se deve estabelecer uma única essência desse tipo, ou várias, e quantas. É preciso lembrar também que as declarações alheias a respeito dessa quantidade não afirmam nada que seja claro. De fato, a concepção sobre as Idéias não inclui nenhuma investigação específica (de fato, os que propõem Idéias afirmam que as Idéias são números, mas, a respeito dos números, às vezes falam como se fossem ilimitados, às vezes, como se fossem limitados até o dez; no entanto, não se disse com seriedade demonstrativa a causa pela qual a pluralidade dos números é dessa quantidade). Nós, entretanto, devemos pronunciar-nos a partir do que se estabeleceu e se delimitou.

[1073a 23] O princípio, isto é, o primeiro entre os entes, é não-suscetível de movimento, em si mesmo e por concomitância, e promove o movimento primeiro e eterno, que é único. Dado que, necessariamente, aquilo que é movido é movido por algo; dado que o primeiro motor é, em si mesmo, não-suscetível de movimento; dado que o movimento eterno é promovido por algo eterno, e um movimento único, por algo único; dado que, além da locomoção simples do Todo, a qual dizemos que a primeira essência não-suscetível de movimento promove, vemos que há outras locomoções eternas, a dos planetas (de fato, o corpo que se move em círculo é eterno e sem-reposou; provou-se isso nas discussões sobre a natureza), necessariamente, também cada uma dessas locomoções é movida por uma essência eterna que, em si mesma, é não-suscetível de movimento. De fato, a natureza dos astros é eterna, sendo uma essência, e o que os move é eterno e anterior ao que é movido, e necessariamente é essência aquilo que é anterior a uma essência. Assim, evidentemente, é necessário que exista a mesma quantidade de essências eternas em suas naturezas e, em si mesmas, não-suscetíveis de movimento e desprovidas de grandeza, pela causa antes mencionada.

[1073b 1] É evidente, portanto, que são essências, e que, entre elas, há uma que é primeira, outra, segunda, de acordo com a mesma ordenação das locomoções dos astros. Já o número dessas locomoções, é preciso examiná-lo pela ciência que, entre as matemáticas, é a mais apropriada à filosofia, isto é, a astronomia. De fato, é esta ciência que empreende seu estudo sobre essências que, embora sensíveis, são eternas, ao passo que as demais ciências matemáticas, isto é, a ciência dos números e a geometria, não estudam essência alguma.

[1073b 8] Que as locomoções são mais numerosas que os corpos movidos, é evidente até mesmo para os que comedidamente tocaram no assunto (pois cada planeta é locomovido por mais de uma). Mas, com relação a quantas são de fato, diremos, para ter uma noção, aquilo que alguns matemáticos dizem, a fim de que haja um número determinado para nosso pensamento considerar. Quanto ao restante, devemos dizer certas coisas que investigamos, mas também as que buscamos saber junto aos que investigaram. Se, aos que se empenharam nisso, aparecer algo em desacordo com o que agora foi dito, devemos ter apreço por ambos os lados, mas dar crédito a quem for mais exato.

[1073b 17] Eudoxo concebeu que a locomoção do sol, assim como a da lua, envolve três esferas, das quais a primeira seria a das estrelas fixas, a segunda, a que se move pelo círculo no meio do zodíaco, a terceira, a que se move pelo círculo que está inclinado na largura do zodíaco (mas o círculo no qual se move a lua inclina-se em uma largura maior que o círculo no qual se move o sol); mas a locomoção de cada planeta envolve quatro esferas, entre as quais a primeira e a segunda são as mesmas que aquelas (de fato, a esfera das estrelas fixas é a que move todas, e a que se situa abaixo desta e tem sua locomoção pelo círculo no meio do zodíaco é comum a todas); já os pólos da terceira de cada planeta estão no círculo no meio do zodíaco, e a locomoção da quarta se dá pelo círculo que se inclina para o equador desta última; os pólos da terceira esfera são peculiares aos demais planetas, mas os de Vênus e Mercúrio são os mesmos.

[1073b 32] Calipo, por sua vez, concebeu a mesma posição das esferas que Eudoxo; já quanto ao número delas, estabeleceu o mesmo que aquele, para Júpiter e Saturno, mas, para o sol e a lua, julgou que deveriam ser acrescentadas, ainda, duas esferas, e, para cada um dos restantes planetas, apenas uma – se se pretende explicar os fenômenos.

[1073b 38] Se essas esferas todas, ao serem compostas, pretendem explicar os fenômenos, necessariamente, para cada planeta, há outras esferas (cuja quantidade é o número das anteriores menos um) que se contrapõem, isto é, restituem para a mesma posição a primeira esfera do astro que se situa imediatamente abaixo: é apenas assim que todas essas coisas podem produzir a locomoção dos planetas. Assim, dado que as esferas em que eles se locomovem são, por um lado, oito, por outro, vinte e cinco, e, entre essas, não é preciso que sofra contraposição apenas aquelas nas quais se move o planeta que está situado na mais baixa posição, serão seis as esferas que se contrapõem às esferas dos dois primeiros planetas, ao passo que serão dezesseis as que se contrapõem às esferas dos quatro planetas seguintes. Assim, o número inteiro das esferas que locomovem e das que se lhes contrapõem é cinquenta e cinco. Se não se acrescentar à lua e ao sol os movimentos que mencionamos, as esferas todas serão quarenta e sete.

[1074a 14] Considere-se que é este, portanto, o número das esferas, de modo que é razoável conceber que também são de tal quantidade as essências e os princípios não-suscetíveis de movimento (enunciar a necessidade disso, deixemos para os mais fortes).

[1074a 17] Se não é possível haver nenhuma locomoção que não contribua para a locomoção de um astro, e, ainda, se é preciso considerar como um acabamento toda natureza, isto é, toda essência não-suscetível de modificação e que em si mesma comporta o que é melhor, não poderia haver nenhuma outra natureza além dessas, mas, necessariamente, seria este o número das essências. De fato, se houvesse outras, elas promoveriam movimento na medida em que fossem acabamento de uma loco-

moção. No entanto, é impossível haver outras locomoções, além das que foram mencionadas. É razoável conceber isso considerando os corpos locomovidos. Com efeito, se tudo que locomove se dá naturalmente em vista daquilo que é locomovido, e toda locomoção é de algo locomovido, nenhuma locomoção poderia ser em vista de si mesma, nem em vista de outra locomoção, mas todas são em vista dos astros. De fato, se houvesse uma locomoção em vista de uma locomoção, seria preciso que também esta última fosse em vista de outra coisa. Por conseguinte, dado que não é possível ir ao infinito, o acabamento de toda locomoção há de ser um dos corpos divinos que se locomovem pelo céu.

[1074a 31] Que o céu é um só, é evidente. De fato, se os céus fossem muitos, como os homens, o princípio de cada um seria um pela forma, mas, numericamente, seriam muitos. Mas tudo que é numericamente múltiplo possui matéria (de fato, há uma única e mesma definição para as coisas múltiplas, por exemplo, para ser humano, mas Sócrates é um só); no entanto, o que é primeiramente “aquilo que o ser é” não possui matéria, pois é efetividade. Portanto, o primeiro motor, sendo não-suscetível de movimento, é um só em definição e em número; também o é, portanto, aquilo que se move sempre continuamente: portanto, o céu é um só.

[1074a 38] Dos antigos e bem remotos, transmitiu-se em forma de mito, como legado aos que vieram depois, que esses corpos são deuses, e que o divino envolve toda a natureza. O restante foi acrescentado de forma mítica para o convencimento da multidão e para a efetivação das leis e do que é proveitoso. De fato, propõem deuses de forma humana, e semelhantes a certos animais, e outras coisas conseqüentes e vizinhas às mencionadas. Mas, se alguém separar tais coisas e delas tomar apenas o que foi primeiramente mencionado – que julgavam serem deuses as essências primeiras –, julgaria que foi dito de maneira divina, e que, verossimilmente, enquanto cada técnica e cada filosofia foram descobertas várias vezes, na medida do possível, e foram novamente destruídas, tais opiniões preservaram-se até agora, como relíquias daqueles. Assim, a opinião ancestral, isto é, a opinião dos primevos, é-nos evidente apenas nesta medida.

Capítulo 9

[1074b 15] Os assuntos concernentes ao pensamento envolvem alguns impasses. De fato, ele parece ser mais divino que as coisas que nos são manifestas, mas há algumas dificuldades em saber de que modo ele é de tal tipo. De fato, se ele nada pensa, qual seria sua grandiosidade? Ora, ele se comportaria como quem dorme. Se ele pensa, mas outra coisa é que o domina, ele não seria a essência mais excelente – pois aquilo que é sua essência não seria atividade de pensar, mas capacidade. De fato, é através do pensar que seu valor lhe pertence.

[1074b 21] Além disso, quer sua essência seja pensamento, quer seja a atividade de pensar, o que é que ele pensa? Ou ele pensa a si mesmo, ou pensa outra coisa. Se for outra coisa, ou sempre a mesma, ou sempre uma coisa diversa. Ora, faz alguma diferença, ou não faz nenhuma, pensar algo que é belo ou pensar qualquer coisa ao acaso? Ou seria realmente absurdo discorrer seu pensamento sobre certas coisas? Evidentemente, ele pensa aquilo que é mais divino e valioso, e não sofre mudança, pois a mudança seria para pior, e isso já seria certo movimento.

[1074b 28] Em primeiro lugar, se ele não for atividade de pensar, mas capacidade, é de se esperar que a continuidade do pensar seja-lhe penosa. Além disso, evidentemente, uma outra coisa – aquilo que é pensado – seria mais valiosa que o pensamento. De fato, o pensar e a atividade de pensar podem ocorrer também a quem pensa o que é pior; por conseguinte, como isto é algo que deve ser evitado (de fato, não ver certas coisas é melhor do que vê-las), a atividade de pensar não seria a melhor. É por isso que ele pensa a si mesmo, dado que é o que há de mais poderoso, e sua atividade de pensar é atividade de pensar o pensar. No entanto, o conhecimento sempre manifesta-se como conhecimento de uma outra coisa, e é conhecimento de si mesmo apenas colateralmente (o mesmo vale para a percepção, a opinião e o entendimento).

[1074b 36] Além disso, se são coisas distintas pensar e ser pensado, o bem lhe pertence por qual deles? De fato, o ser para o pensar e o ser para o que é pensado não

são os mesmos. Ou, então, em alguns casos, o conhecimento é seu objeto: nas ciências produtivas, a essência e “aquilo que o ser é” são sem matéria, nas ciências teóricas, a definição e a atividade de pensar são o objeto pensado? Ora, se o pensamento e aquilo que é pensado não são distintos, para as coisas que não possuem matéria, serão uma mesma coisa, isto é, a atividade de pensar será uma só coisa com aquilo que é pensado.

[1075a 5] Ainda resta um impasse: aquilo que é pensado é composto? De fato, o pensamento sofreria mudança entre as partes do todo. Ou, então, é indivisível tudo que não possui matéria? Tal como o pensamento humano, ou, ao menos, o pensamento dos compostos comporta-se em um dado tempo (de fato, o pensamento que é o melhor, sendo um outro, possui o bem não em tal e tal instante ou em tal e tal outro, mas em um certo todo) – é assim que se comporta por toda a duração a própria atividade de pensar o pensar?

Capítulo 10

[1075a 11] Devemos examinar de que modo a natureza do todo possui aquilo que é bom e excelente: como algo separado, isolado em si mesmo, ou como sua ordenação, ou de ambos os modos, como um exército. De fato, o bem deste está na ordenação e é o general, e, de preferência, é este último, pois não é ele que se dá devido à ordenação, mas esta é que se dá devido a ele.

[1075a 16] Tudo está coordenado (as coisas que nadam, as que voam, as plantas), de certo modo, mas não de modo semelhante. Não é verdade que elas comportam-se de tal modo que uma não tem nenhuma relação com a outra, mas, ao contrário, há relação, pois tudo está coordenado em volta de uma única coisa, como em uma casa os homens livres têm muito pouca permissão para fazer qualquer coisa ao acaso (pois, ao contrário, todas as coisas, ou a maioria delas, estão ordenadas), mas aos escravos e animais cabe muito pouco do que é relacionado ao comum, e o que predomina é fazer qualquer coisa ao acaso – de fato, a natureza de cada um deles é um princípio desse tipo. Quero dizer: necessariamente, todas as coisas dirigem-se ao

menos para sua dissolução, e há outras coisas assim, das quais todas participam em relação ao todo.

[1075a 25] É preciso que não passem despercebidos os absurdos e as impossibilidades que resultam para os que afirmam de outro modo, bem como que coisas afirmam os que afirmam mais refinadamente, e em quais casos os impasses são menores. De fato, todos produzem todas as coisas a partir de contrários. Mas não dizem corretamente “tudo”, nem “a partir de contrários”, tampouco afirmam como as coisas nas quais há contrários poderiam provir dos contrários. De fato, os contrários não são suscetíveis um ao outro. Para nós, isso resolve-se razoavelmente, por haver uma terceira coisa. Outros, porém, concebem como matéria um dos contrários, por exemplo, os que concebem o desigual como matéria para o igual, ou o múltiplo como matéria para o Um. Também isso resolve-se do mesmo modo: uma matéria única não é contrário de nada.

[1075a 34] Além disso, todas as coisas haveriam de participar do vil, exceto o Um, pois o outro elemento é o próprio mal. Alguns nem sequer concebem como princípios o bem e o mal. No entanto, em todos os domínios, é sobretudo o bem que é princípio. Outros corretamente concebem o bem como princípio, mas não dizem de que modo ele é princípio, se é como acabamento, como propiciador de movimento ou como forma. Também Empédocles pronuncia-se de modo absurdo: concebe a amizade como o bem, a qual é princípio a título de motor (pois ela congrega) e a título de matéria (já que é uma parte da mistura). Ora, ainda que ocorra a uma mesma coisa ser princípio a título de matéria e a título de motor, o ser não é o mesmo. Por qual dos dois, então, ela é amizade? Também é absurdo que o ódio seja indestrutível, o qual, para ele, é a natureza do mal.

[1075b 8] Anaxágoras concebe o bem como princípio a título de motor: de fato, a Inteligência propicia movimento. No entanto, ela move em vista de algo, de modo que é outra coisa que é princípio, a não ser que seja como nós dissemos: de certo modo, a arte medicinal é a saúde. Também é absurdo não propor um contrário para

o bem, isto é, para a Inteligência. Todos os que propõem contrários não se utilizam dos contrários, a não ser que os corriamos. E por que certas coisas são corruptíveis, outras, incorruptíveis, ninguém o diz: produzem todos os entes dos mesmos princípios. Além disso, alguns produzem os entes a partir do não-ente; outros, para não serem forçados a isso, fazem todas as coisas serem uma só.

[1075b 16] Além disso, por que sempre há de existir vir a ser, e qual é a causa do vir a ser, ninguém o diz. Para os que propõem dois princípios, é forçoso que exista um outro princípio, mais poderoso, e, para os que propõem as Formas, outro princípio ainda mais poderoso. De fato, por que algo participou ou participa? Para os outros, é forçoso haver algo contrário à sabedoria e ao conhecimento mais valioso, mas, para nós, não, pois não há nada contrário ao que é o primeiro. De fato, todas as coisas contrárias possuem matéria e são em potência. A ignorância contrária relaciona-se ao que é contrário, mas não há nada que seja contrário ao que é o primeiro.

[1075b 24] Se não houver outras coisas além das sensíveis, não haverá princípio, ordenação, vir a ser e as coisas celestes, mas sempre haverá um princípio do princípio, como ocorre para os teólogos e todos os estudiosos da natureza. Mas, se houver Formas ou Números, eles não serão causas de nada, ou, ao menos, não serão causas de movimento.

[1075b 28] Além disso, como, a partir de coisas sem grandeza, poderia haver grandeza e algo contínuo? Ora, o número não pode produzir o contínuo, nem a título de motor, nem a título de forma. Além do mais, nenhum dos contrários pode ser precisamente aquilo que produz ou propicia movimento, pois, se assim fosse, seria possível que não existisse. Ora, o produzir é posterior à capacidade; assim, os entes não seriam eternos. Mas eles são eternos: portanto, alguma dessas teses deve ser destruída. Foi dito como isso deve ser.

[1075b 34] Além disso, por meio de que os números seriam unos, ou por meio de que a alma e o corpo (e, em geral, a coisa e sua forma) seriam algo uno? Ninguém diz

nada a esse respeito, nem é possível que o diga, a não ser que diga como nós: aquilo que propicia movimento é que produz a unidade.

[1075b 37] Aqueles que propõem o número matemático como primeiro e, assim, sempre uma realidade seguinte, e propõem princípios diversos para cada uma, fazem a essência do Todo ser episódica (de fato, cada realidade não contribui em nada para a outra, por ser ou não ser), e multiplicam os princípios. No entanto, os entes não querem ser mal governados:

“Muitos chefes não é uma coisa boa: que haja um só chefe”.